

# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

LIMA, Agnaldo Batista de<sup>1</sup>

**Resumo** - Este estudo apresenta o resultado de uma sequência didática realizada com alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Jardim das Flores – Alta Floresta, Mato Grosso. Objetiva identificar e analisar a interferência da oralidade em diálogos escritos pelos próprios alunos e propõe discutir a importância de inserir o tema da variação linguística em sala de aula. Tem como base teórica, estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), dentre outros. Como resultados a necessidade de alunos e professores vivenciarem práticas educativas de reflexão da variação linguística no português brasileiro e de ocorrências de variação da própria língua.

**Palavras-chave:** Variação Linguística, Preconceito Linguístico, Língua.

## Introdução

O ensino de Língua Portuguesa no Brasil depara-se com obstáculos que têm dificultado práticas mais eficientes dos profissionais de educação, no sentido de cumprir as diretrizes do currículo escolar, de formar leitores competentes, difundir o gosto pela leitura e propiciar ferramentas para que os estudantes tornem-se também escritores qualificados em relação à sua escrita acadêmica.

As mudanças na sociedade são uma realidade e a escola pública, como principal instituição provedora de educação e formadora de cidadãos potencialmente atuantes na sociedade, assume o papel de transformar os alunos em indivíduos letrados e alfabetizados, capazes de se comunicarem de forma competente, dominando um repertório linguístico adequado às situações formais e não formais da linguagem em suas modalidades oral e escrita. Desse modo, refletir sobre o ensino é considerar as várias questões que permeiam a aquisição e o desenvolvimento da linguagem nos diferentes contextos históricos e socioculturais.

Neste artigo, a atenção se volta para o estudo das variações linguísticas por se tratar de um dos fatores centrais para relativizar velhas questões relacionadas ao ensino de língua no país. Busca-se discutir a necessidade de intensificar na sala de aula a compreensão da noção de

---

<sup>1</sup> Graduado em Língua Portuguesa – UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso (2002). Especialização em Língua Portuguesa e Literatura - ICE Instituto Cuiabano de Educação (2004). Especialização em Gestão Escolar – UFMT – Universidade Federal de Mato grosso, (2010). Mestrando do Profletras – Mestrado Profissional em Letras – UNEMAT – *Campus Sinop* – e-mail: ablima07@hotmail.com.br

língua heterogênea, a temática do preconceito linguístico, a importância do ensino da norma culta e o respeito à diversidade linguística no território brasileiro. Além disso, buscamos colocar no palco das discussões o educador e a sua formação, por acreditarmos que “O professor, enquanto agente de letramento, é um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e de suas redes comunicativas para que participem das práticas de uso da escrita situadas nas mais diversas instituições” (KLEIMAN 2007, p. 53).

Portanto, para o estudo e inserção da temática da variação linguística na sala de aula, desenvolvemos uma *sequência didática* com base em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), em uma turma do 6º ano da Escola Municipal Jardim das Flores, localizada no município de Alta Floresta, Mato Grosso, com a intenção de possibilitar aos alunos refletir a própria língua por meio de diálogos escritos produzidos pela própria turma e o diálogo *Batico e seu João* produzido por estudantes da Escola Estadual Professor Ulisses Cuiabano, representando palavras e expressões utilizadas por falantes da cidade de Cuiabá.

Na primeira parte, apresentamos pressupostos teóricos que sustentam nossa reflexão em relação à questão da variação linguística e do preconceito linguístico no ensino de Língua Portuguesa. No segundo momento, realizamos uma análise linguística a partir dos diálogos escritos e produzidos pelos próprios alunos com o propósito de refletirmos sobre as marcas de interferência da fala na escrita. Além dos autores supracitados, nos pautamos também nos estudos de Bortoni-Ricardo (2004), (2005), Bagno (2002), (2004), (2007), (2008), Marcuschi (2002), (2010), dentre outros.

### **Língua e Variação Linguística: Alguns Pressupostos**

A língua portuguesa falada no Brasil recebeu e ainda recebe influências, nas diferentes regiões, nos meios de comunicação e das pessoas que chegam e passam pelo país. Trazida de Portugal, misturou-se com as línguas dos povos indígenas e permanece numa constante transformação. A extensão geográfica do país e sua história contribuem para diversos estudos em relação à língua.

Bagno (2007, p. 35) afirma que “O que se convencionou chamar de ‘língua’ nas sociedades letradas é, na verdade, um produto social, artificial, que não corresponde àquilo que a língua realmente é”. Para o autor, com base na sociolinguística, esta visão não concebe a língua como um produto homogêneo e estável, mas sim como uma atividade social e heterogênea. “Língua é um produto de um tipo diferente, um produto de um tipo sociocultural,

elaborado ao longo de muito tempo, pelo esforço de muita gente – por isso ela é uma grande abstração ou, como se diz hoje em dia, um patrimônio imaterial” (op. cit, p. 36). De fato, a língua é sócio-histórica, por isso está em constante transformação e varia de acordo com o sexo, a etnia, o grau de escolaridade, profissão do falante, o contexto em que está inserido cada sujeito falante e com a modalidade (oral ou escrita).

Assim, em todas as línguas do mundo há processos de variação e transformações. Acrescenta Marcuschi (2010, p. 16) que “o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua”. Assevera que seria interessante que a escola soubesse algo mais sobre essa questão para enfrentar sua tarefa com maior maleabilidade, servindo até mesmo na orientação da seleção de textos e definição de níveis de linguagens a trabalhar. Dessa forma, o ensino deve-se voltar para a ótica de diversos contextos inseridos na escola e múltiplos usos da língua pelos estudantes.

Minha concepção de língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifestam em situações de usos concretas como texto e discurso (MARCUSCHI 2010, p. 43).

Como notamos, a variação na língua é objeto de estudo da sociolinguística, ciência que surgiu em meados do século XX motivada pela preocupação de estudiosos da linguagem com o fraco desempenho escolar de crianças pobres e negras norte-americanas. No Brasil, o ensino da Língua Portuguesa, baseado na estrutura gramatical do latim tornou-se a base da pedagogia linguística até o século XX e por força do processo de colonização em nosso país determinou-se que a norma ensinada na escola fosse a que mais se aproximasse do português europeu padronizado de forma que a negação a tudo o que foge a norma padrão tem estigmatização. Junto à diversidade de falas que constitui o português brasileiro, originaram-se inúmeras formas de preconceito e estigmatização.

Nesse conjunto de fatos históricos, concepções educativas e abordagens práticas em torno do ensino de língua nas escolas brasileiras, com suporte numa visão normativa, nasce e intensifica-se a noção de “erro” concebido como uma falta de coerência com a norma culta e tão difundida por educadores ao longo da história. Os estudos sociolinguísticos surgem para contrapor a esta visão errônea e percebe-se que o que se caracteriza como *erro* é na verdade observado como construções inadequadas em cada situação comunicativa. Bortoni-Ricardo (2004), ao tratar dos chamados “erros dos alunos”, os aponta como uma questão de “adequação

e inadequação”. Postura como esta deve ser concebida pelo ensino em todas as suas instâncias de forma que professores e alunos vivenciem constantes e profundas reflexões em torno da língua para quebrar a lacuna que há entre o ensino da norma culta e o vernáculo vivenciado no país. De certa forma, reduzir também a discriminação e o preconceito às diferentes maneiras de se expressar oralmente nas diversas comunidades de fala em todo território brasileiro.

Para Bagno (2004, p. 9), “O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão”. Aos que promovem o ensino de língua, cabe entenderem que é fundamental inserir nesse contexto o estudo reflexivo da variação linguística. Devem propiciar formação continuada aos docentes para compreenderem a heterogeneidade da língua, e, em seu fazer pedagógico, combaterem as possíveis formas de preconceito e discriminação. Por outro lado, deve-se entender que o ensino da norma culta é um dos principais objetivos da instituição escolar e que os estudantes precisam estudá-la e praticá-la de forma competente.

Se a variação linguística for discutida na escola, inserida na matriz do multiculturalismo brasileiro, teremos mais oportunidade de discutir a estrutura da língua padrão, descrita nos compêndios de gramáticas normativas, à luz das características da nossa fala brasileira; poderemos identificar os contextos em que as diversas variedades da língua são produtivas; poderemos, também, ler com mais interesse a literatura brasileira, que, desde o modernismo, incorporou modos brasileiros de falar. E mais, ao trabalhar a leitura em sala de aula, os professores, que são os principais agentes letradores, saberão reconhecer estruturas linguísticas que não pertencem ao repertório dos seus alunos, antecipar as dificuldades, “traduzi-las” e associá-las a variantes mais usuais na linguagem oral coloquial (BORTONIRICARDO; OLIVEIRA, 2013, p. 52).

Cabe à escola promover um ensino que favoreça, por meio da leitura de diferentes gêneros textuais e atividades de produção escrita em diversas formas reais de interação, uma constante vivência e reflexão de fatos reais da língua. As autoras defendem que a elaboração de sequências didáticas configura-se como um dos principais caminhos que pode contribuir para aprimorar o trabalho docente, tornar os estudantes protagonistas de sua própria aprendizagem e capacitá-los a se tornarem “bidialetais ou multidialetais” no uso da língua portuguesa. Nesta perspectiva, velhas questões de ensino voltadas a acentuarem as formas de discriminação e preconceito linguístico serão gradativamente diminuídas e, de certa maneira, estaremos formando estudantes mais competentes em leitura e escrita nas mais diferentes situações de produção.

[...] parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de *todas as variedades sociolinguísticas*, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO 2002, p. 32, grifos do autor).

Buscar a formação constante de seus docentes é objetivo primordial da escola. E, quando esta tornar o espaço de sala de aula em um laboratório vivo de pesquisa dos fenômenos da língua, por meio de sua multiplicidade e diversas formas de uso, muitas das questões de insuficiência do ensino, e outras ligadas ao preconceito, aos poucos serão equacionadas. Por esta razão, Bagno (2008, p. 69) salienta que “seria mais justo e democrático explicar ao aluno que ele pode dizer “bulacha” ou “bolacha”, mas que só pode escrever bolacha, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito”. Desse modo, ao realizar reflexões sobre a sua própria língua, o estudante constrói, com o auxílio de um docente preparado a realizar o trabalho pedagógico, o andaime necessário à aquisição da norma culta ensinada e efetivada pela escola.

Nesta perspectiva, Bagno afirma:

[...] o problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Por isso, e também para ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar - a que se parece com a escrita – e de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que escreva errado (BAGNO, 2007, p. 27).

Portanto, é importante frisar que a escola tem o dever de inserir em seu currículo um ensino voltado à reflexão da variação linguística e estudar profundamente as peculiaridades do português brasileiro, mas, por outro lado, tem também o dever e a responsabilidade de ensinar a norma culta ao aluno, porque, sendo esta a variedade em que foi escrita a maior parte dos textos que circulam na sociedade, torna-se também imprescindível para que o estudante alcance, além de uma competência comunicativa, suporte necessário para que possa ser reconhecido socialmente. Compreender que existem formas diferentes de falar efetiva-se como um dos principais passos para minimizar as diferenças existentes nos espaços educacionais em relação às falas dialetais.

## **Sequência Didática: Pressupostos Teóricos**

A desconstrução de um ensino fragmentado, aleatório e sem uma devida organização tem sido o eco de muitos educadores e correntes teóricas atuais. A *sequência didática*, inserida na rotina do planejamento das atividades escolares, surge como uma importante ferramenta para que o aluno tenha uma visão mais ampla dos conteúdos, possibilite um ensino contextualizado e favoreça ao professor diversas formas de sedimentar o processo de formação acadêmica dos aprendizes. Além de permitir diagnosticar as dificuldades dos alunos, saná-las progressivamente e tornar o ensino mais interessante, esta forma de organização do ensino promove a inserção do aluno na posição de protagonista da sua própria aprendizagem por meio de diferentes desafios e descobertas propiciando uma constante construção de conhecimentos.

Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), a sequência didática (SD) “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Suas principais características são: o trabalho com gêneros de textos e tem a finalidade de auxiliar o aluno a compreender e dominar melhor o gênero em questão, desenvolver sua capacidade de escrever ou falar de forma mais adequada, levando em conta a situação de leitura e produção. Ainda para os mesmos autores, entre as ações de uma SD estão as atividades de escuta, leitura, escrita e reescrita de textos (análise linguística), superando os limites da gramática normativa.

Portando, ao se organizar uma *sequência didática*, abre-se a possibilidade de um trabalho interativo entre docentes e alunos. O professor pode planejar etapas do trabalho com os estudantes, de modo a explorar diversos exemplares do gênero escolhido, estudar as suas características próprias e praticar aspectos de sua escrita antes de propor uma produção escrita final. Por outro lado, insere-se, num mesmo contexto, leitura, escrita, oralidade e aspectos gramaticais produzindo mais sentido para quem ensina e para quem aprende.

### **Proposta de SD para o ensino fundamental**

A sequência didática: *Reflexões Linguísticas: a interferência da oralidade em diálogos escritos por alunos no ensino fundamental* foi realizada na Escola Municipal Jardim das Flores no município de Alta Floresta – estado de Mato Grosso com uma turma de 23 estudantes do 6º ano totalizando 6 horas de trabalho pedagógico. Teve como objetivo refletir e discutir o tema da variação linguística por meio de diálogos escritos pelos próprios alunos. Possibilitou aos

participantes estudar sobre o gênero diálogo escrito; refletir sobre a língua e suas variações; estudar em relação ao tema do preconceito linguístico; refletir sobre as ocorrências de variação linguística na própria escrita e compreender a importância da norma culta para o processo de aquisição da escrita.

### **Desenvolvimento da proposta**

A primeira etapa, com duração de duas aulas de 50 minutos, foi constituída de apresentação da proposta de estudo aos estudantes. Iniciamos com a exposição do gênero a ser trabalhado e dos passos da atividade por meio de *datashow* no laboratório de informática da escola. Durante a exposição foram realizados intervalos para o diálogo entre professor e alunos a fim de levantar informações do conhecimento da turma em relação ao gênero proposto. Além disso, foi o momento de justificar e mostrar aos estudantes a importância do conteúdo e o tema a ser tratado durante as aulas.

Verificou-se que o tema da variação linguística é um assunto novo para os alunos participantes, levando-os a questionar, dar sugestões e contribuir para adequar as atividades propostas. A professora titular da turma mostrou-se receptiva ao tema, auxiliando-nos com observações e contribuições importantes em relação aos alunos que foram fundamentais para a constituição e adequação dos módulos de estudos.

Na atividade seguinte, cada aluno foi desafiado a produzir um diálogo escrito, entre dois ou mais personagens a partir de experiências vivenciadas pelos estudantes, ou mesmo temática livre, para observação do professor de possíveis variedades linguísticas com foco nas marcas de oralidade evidenciadas nos textos por eles produzidos. A produção escrita dos estudantes foi recolhida pelo professor para observação das ocorrências de interferências da fala na escrita e das ocorrências de questões ligadas às convenções ortográficas com a finalidade de adequação das atividades posteriores.

Destacamos, como relevante, que a escolha do gênero diálogo foi fundamental para o desenvolvimento da sequência didática. Todos os alunos participaram assiduamente da atividade de produção e a maioria demonstrou, por meio da produção inicial, ótimo domínio do processo de escrita, inclusive com baixo número de inadequações de convenção ortográfica. Diversos textos apresentaram marcas da interferência da oralidade na escrita e foram fundamentais para o processo, tanto da reflexão linguística dos alunos em sala de aula, como também, para a análise linguística desenvolvida neste artigo.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 274), “o domínio da ortografia é lento e requer muito contato com a modalidade escrita da língua. Dominar bem as regras de ortografia é um trabalho para toda a trajetória escolar e, quem sabe, para toda a vida do indivíduo”. Esta afirmação leva-nos a entender que as variações na escrita de alunos desta faixa etária é aceitável e comum, o que implica na busca de estratégias adequadas para minimizar estas ocorrências.

Na segunda etapa, também com duração de duas aulas de 50 minutos, o módulo foi desenvolvido em torno de leituras silenciosas pelos alunos e em voz alta pelo professor do texto *Batico e seu João* e um diálogo produzido por alunas do Colégio Ulisses Cuiabano da cidade de Cuiabá representando a fala do povo cuiabano.

### **BATICO E SEU JOÃO**

- “Ê ah! Tá demais de quente esses dias, né seu João?”
- Sim, Batico, está fazendo muito calor em Cuiabá!
- Ocê não foi na festa da igreja, eu não vi o sinhô por lá.
- Não, eu tive que viajar.
- Num sabe o que o sinhô perdeu, eu voltei da festa até no ôio, tinha um monte de comida boa: Maria Izabel, mujica, sarapaté, tinha de um tudo, tava pra lá de bom! Tinha gente pra besteira festano, a vizinhança inteira tava lá, até aquele pau rodado que chegou outro dia tava lá com o seu guri.
- É, fiquei sabendo que a festa foi muito boa mesmo!
- "Ocê" tá sabendo do muchirum que vai ter lá na igreja pra terminar aquele batente? Vai precisar da ajuda de todos nós pra baldear, chuçar as coisas...
- Conte comigo Batico.
- “Bamo quebrar um torto?”
- Obrigado, mas eu já tomei o meu.
- “Larga disso, a dona fez uma farofa que tá pra lá de bom!”
- Vai ficar para outra hora, até logo Batico.
- “Inté seu Djão!”

**Autoras:** Katrinne Aparecida Neves de Arruda e Maria Isabely Ramos de Nascimento (8º Ano D) – Escola Professor Ulisses Cuiabano.

Ao término do processo de leitura, após prévia observação do registro inicial dos estudantes, o material escrito foi devolvido para que os alunos observassem na sua própria escrita, com o acompanhamento do professor, as ocorrências de variação apontadas nos textos. As principais palavras que evidenciaram questões de variações foram expostas no quadro para que os alunos pudessem realizar a reflexão linguística de sua própria escrita. Foram usadas cores diferentes para assinalar e diferenciar as questões de inadequação e convenção ortográfica das relacionadas às questões de interferências da fala na escrita.

Esta atividade foi crucial para a reflexão linguística dos alunos, pois, mediante as marcas apontadas nos textos, foi possível perceberem que existem inadequações oriundas da transcrição da fala para a escrita, e que ao longo do tempo isto pode ser equacionado. Este tipo de variação na escrita ocorre com mais intensidade em textos de alunos nos anos iniciais por aproximar-se, em muitos aspectos, da realização falada informal, como as conversas espontâneas. Porém estas ocorrências são percebidas também em textos de adultos.

Percebemos ainda, apesar de baixo índice, questões de inadequação da escrita relacionadas à convenção ortográfica e que dizem respeito à transgressão da norma culta, as quais precisam ser trabalhadas pela escola e que devem ser sanadas de forma gradativa ao longo do processo de escolarização.

Como conclusão da etapa, foi proposta aos alunos, como atividade extraclasse, uma pesquisa para realizar em casa, por meio de um quadro com as principais palavras e expressões encontradas no texto com a fala cuiabana para posterior apresentação dos resultados em sala.

#### QUADRO DE ATIVIDADES

|                    |   |
|--------------------|---|
| Ê ah!              | Ele vem mesmo - Indagação                   |
| Batico             | Nome usado para pessoas                     |
| Mujica             | Ensopado de pintado com mandioca            |
| Sarapaté           | Miúdos de porco refogado ao molho           |
| Maria Isabel       | Arroz com farofa de banana                  |
| Até no ôio         | Muito satisfeito                            |
| Pau rodado         | De fora, forasteiro, sem residência fixa... |
| Muchirum           | Trabalho em grupo, mutirão                  |
| Baldear            | Carregar, levar...                          |
| Chuçar             | Furar, espetar...                           |
| Bamo               | Vamos                                       |
| Batente            | Serviço, trabalho...                        |
| A dona             | A senhora, a mulher...                      |
| Djão               | João  |
| Inté               | Até, adeus, até logo...                     |
| Gente pra besteira | Muita gente                                 |
| Quebrar um torto   | Tomar um café                               |

**Fonte:** autor.

Na terceira e última etapa, com duas aulas de 50 minutos, no primeiro momento, os alunos apresentaram o resultado da pesquisa das variações encontradas no texto *Batico e seu João*, com os respectivos significados encontrados e algumas readequações feitas pelo professor. Por último, os alunos realizaram uma produção de diálogo escrito em duplas na sala a partir de tema livre e de interesse de cada dupla. Após a conclusão da atividade as duplas

fizeram a troca dos textos para leitura e a observação de algumas marcas de interferência da fala na escrita.

Esta atividade de reflexão, a partir do olhar do outro, foi muito importante como processo de reflexão e avaliação da própria aprendizagem. A maioria dos alunos conseguiu perceber novamente a ocorrência de variações encontradas na primeira produção, o que é considerado um fato normal. Bortoni-Ricardo (2005) afirma que dominar bem o processo de escrita é uma tarefa para toda a vida.

### **Leitura reflexiva dos dados**

Os diálogos escritos na primeira etapa, como primeira produção, foram submetidos ao processo de observação das possíveis ocorrências de marcas de interferência da oralidade na escrita. Esses dados foram, primeiramente, objeto de reflexão linguística na sala de aula pelos próprios alunos que realizaram a produção escrita e, posteriormente, serviram como base para análise linguística na efetivação do objetivo deste artigo.

Constatamos, nos diálogos escritos dos 23 participantes, que aparecem diversas questões de inadequação gráfica decorrentes da interferência da fala na escrita. Inicialmente observamos a presença do processo de desnasalização em quatro dos diálogos escritos produzidos. No primeiro caso de variação observado, um dos alunos grafou quatro vezes seguidas a palavra /tambe/ para representar a grafia de (também), o que leva a crer que não se trata de uma regra variável, pois houve apenas a supressão do fonema final e de forma repetida. Com variação semelhante, outro estudante apresentou /nei/ na grafia de (nem) com a ocorrência de desnasalização e acréscimo da vogal /i/. Outro caso evidenciado ocorreu com a grafia de /cham/ para a palavra (chão). Neste caso específico, o aluno mantém tanto o morfema de concordância como também a nasalização, porém ocorre a inadequação da escrita pela proximidade de som dos fonemas.

No último caso, observamos a variação /consequiro/ e /chegaro/ onde o estudante manteve de certa forma os morfemas na sílaba final (consequiru e chegaru) e ocorreu um processo de desnasalização comum em verbos na 3º pessoa do plural levando o aluno a efetivar a hipótese de escrita pela observação da oralidade. Notamos que todos esses aspectos têm relação direta da oralidade na escrita. Cagliari (1993) justifica que a criança quando escreve reflete e cria hipóteses sobre o que vai escrever e esta transcrição ocorre de uma forma natural,

mas refletida. Na sala de aula, este esforço do aluno deve ser observado e trabalhado com cuidado e rigor específico.

Outra ocorrência de variação observada nos textos dos alunos, muito comum no português brasileiro, trata-se do apagamento ou supressão do /r/ final na função de morfema de infinitivo. Entre os 23 textos observados, quatro apresentaram ocorrência de apagamento nas grafias de /conta/ para (contar), /toma/ na escrita de (tomar), /dá/ na grafia de (dar) e /aperta/ para o verbo (apertar). De acordo com Mollica (1998), o fenômeno do apagamento é um processo que acontece em todo o território nacional, com as devidas particularidades de cada comunidade de fala, mas que não parece oferecer qualquer estigma social a quem o utiliza oralmente e, por isso, a autora também sugere sua aplicação na escrita.

Uma ocorrência que merece consideração está relacionada com a influência da escrita eletrônica por meio da internet e deve ser fator de atenção pelos professores, pois se trata da linguagem em bate-papos em mídias sociais. Em três diálogos produzidos pelos estudantes foram grafadas as letras /kkk/ para representar o riso das personagens. Em relação à linguagem empregada na internet, Marcuschi (2002, p.13) justifica que o que chama a atenção é o “fato de reunir num só meio várias formas de expressão.” E essas formas talvez alterem de maneira significativa a forma como enxergamos a língua e seus usos.

Outras expressões que são utilizadas para marcar a oralidade e foram bastante recorrentes também merecem destaque: uma delas, apresentada por 4 alunos, é a grafia de /Ata/ como concordância (tudo bem, entendi, agora compreendi), como no exemplo *Ata eu pensei que era outra coisa*, e ainda a palavra /beleza/ também como concordância apontada por um aluno na frase *Beleza, eu vou também*. Além desses marcadores, foi evidenciado ainda o uso de /ta/ também como função de concordância, como no exemplo - *passo aí para te buscar, ta?*

Observamos ainda por um estudante o uso da expressão /daí né/ como função de operador argumentativo e também muito recorrente na oralidade de pessoas de diferentes idades, mas principalmente na fala de crianças que ainda não utilizam o processo de monitoramento de fala.

Outra variação muito comum e utilizada como recurso linguístico por todas as faixas etárias, mas em maior proporção pelos jovens, é a expressão /bora/ (vamos) como significado de continuidade e/ou aprovação e que foi grafado por 4 estudantes participantes. Expressão esta própria da oralidade, mas incorporada aos diálogos eletrônicos em geral. Originada das

expressões orais /simbora/ e /vambora/, a palavra /bora/ é uma forma reduzida e coloquial da expressão (vamos embora) bastante utilizada por muitos falantes brasileiros.

Uma das variações mais recorrentes nos diálogos escritos, e muito importante no processo de reflexão linguística pelos alunos, foi o uso de /ta/ para representar, ora a escrita do verbo (está) em 3 dos casos, ora para representar expressão de concordância /ta/ para (sim, certo, ok) em 3 casos também. Da mesma forma, a ocorrência de /to/ em 3 casos para representar o verbo (estou). E, por último, um caso de /tava/ para representar o verbo (estava) no pretérito imperfeito.

Verifica-se que quando os alunos relacionam /ta/ ou /tava/ ao verbo (estar) esta forma naturalmente pode ser transferida para a escrita. No caso do adulto, há um maior grau de monitoramento no processo de escrita, mas em relação às crianças é comum que estas variações sejam transferidas para a escrita. Conforme Bortoni-Ricardo; Freitas (2009, p. 8), “Quando não monitoramos a fala, a tendência é suprimir a sílaba ‘es’ nas formas do verbo ‘estar’. E da mesma forma que os alfabetizandos falam, também tendem a escrever”. Percebemos que em relação ao uso de “tô” foi usado como um índice de economia da fala coloquial espontânea, pois, no plano fonético, houve uma redução sincopada de “estou” para “tô”. Por esta razão, é que estas variações são comuns na fala do português brasileiro.

Uma variação também observada, em 2 casos, trata-se de palatização do L na transformação dos fonemas LH em uma palatal (L + i, > Lh). Um dos estudantes grafou /filia/ para representar (filha) e no segundo caso o aluno escreveu /trabaio/ para a escrita de (trabalho). Bagno (2005) chama esse fenômeno de assimilação, o qual ocorre quando uma força tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes, podendo ser comparado à língua francesa na qual pronunciam “bataille” (bataye), pois toda língua está sempre se modificando, sem interrupções e sem que seus falantes percebam, assim o português não seria diferente de outras línguas.

Houve também uma ocorrência da transformação do /nd/ em /n/ em que o aluno grafou /comeno/ para a escrita de (comendo). Para esta variação, Bagno (2007) explica dizendo que os fonemas /n/ e /d/ são dentais (quando a língua toca levemente o céu da boca onde se encaixam os dentes de cima). E tal fenômeno também é denominado de assimilação, como o anterior, onde sons semelhantes são pronunciados na mesma zona de articulação, isto é, no mesmo lugar dentro da boca. Nesse caso, as pessoas realizam esta variação de uma maneira espontânea.

Por fim, outra variação verificada recorrente, apareceu 5 vezes em 3 dos textos, foi o apagamento ou redução da vogal /u/ na grafia de palavras como /falo/ > falou, /pego/ > pegou, /entro/ > entrou e /atropelo/ > atropelou. Para Bagno (2005), esta variação em relação à redução ocorre porque a língua falada é viva e está sempre mudando. Dessa forma, o que era pronunciado /ou/, em pouco tempo passou a ser pronunciado /o/ e esta mudança dá-se por causa da assimilação, ou seja, a aproximação ou mesmo identidade total entre fonemas existentes na mesma palavra, resultante da influência de um sobre o outro.

### **Considerações Finais**

O ensino de Língua Portuguesa passou por várias mudanças nas últimas décadas e até hoje vemos um grande interesse acerca dos objetivos que o ensino de língua deve priorizar. Esta mudança de percepção nasce, em especial, a partir das inovações que a sociolinguística incorporou ao tratamento dado ao ensino do português brasileiro.

A elaboração de uma proposta de *sequência didática* que tenha como objetivo o ensino da variação linguística visa aproximar as mudanças que ocorrem na língua portuguesa à realidade do ensino e dos estudantes tornando-os protagonistas de seu processo de estudo, reflexão e aprendizagem. Intensifica a necessidade de o ensino conceber a compreensão da importância da variação linguística e de sua abordagem diferenciada em sala de aula, além de apresentar e estabelecer um constante processo de reflexão em relação à mitologia e preconceito que envolve este tema tão importante.

Os estudos de Bortoni-Ricardo e Bagno trazem à tona a forma como esse preconceito foi enraizado no âmbito escolar e na realidade linguística brasileira, além de identificarem alguns fatores que alimentam historicamente a ideia de que se deve usar e estudar apenas a língua considerada “padrão”.

Portanto, os estudos sobre a variação linguística reafirmam a necessidade de a escola inserir, em seu currículo e objetivos, práticas diferenciadas de ensino e uma constante formação dos professores com as novas abordagens teóricas e metodológicas em torno do ensino de Língua Portuguesa.

Por fim, cabe à instituição escolar assumir a responsabilidade de ensinar a norma culta aos estudantes. Deve, sobretudo, priorizar estratégias para que os alunos tenham direito ao acesso a uma formação de qualidade que contribua efetivamente à sua vida acadêmica. Além

disso, pode colaborar com meios sustentáveis de promoção ao acesso a uma melhor posição social.

## LINGUISTIC VARIATION: INTERFERENCE OF ORALITY IN WRITING TO ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

**Abstract** – This study presents the results of a didactic sequence performed with students of the sixth grade of elementary school of the Escola Municipal Jardim das Flores – Alta Floresta Mato Grosso. Aims to identify and analyze the interference of orality in dialogues written by students themselves and discuss the importance of inserting the theme of linguistic variation in the classroom. Has as theoretical basis, Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), among others. As a result the need for students and teachers experience educational practices of reflection of linguistic variation in Brazilian Portuguese and occurrences of variation of the own language.

**Keywords:** Linguistic Variation. Linguistic Prejudice. Tongue.

### Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Edições Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Dez cisões:** para um ensino de língua não (ou menos) preconceituoso. Disponível em: [www.marcosbagno.com.br](http://www.marcosbagno.com.br). Acesso em: 08/06/2018.

\_\_\_\_\_. **A norma oculta:** língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Linguística da norma.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **A língua de Eulália:** novela sociolinguística. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_; FREITAS, V. A. de L. **Sociolinguística Educacional.** Abralín-40 anos em cena. João Pessoa: Editora UFPB. Recuperado em, v. 27 2009.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, T. de. Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno. In: BORTONI-RICARDO, S. M. & MACHADO, V. R. (orgs.). **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

DIÁLOGO: **Batico e seu João** – texto escrito por alunas com o falar cuiabano. Disponível em: <http://eulisses cuiabano.blogspot.com/2013/06/textos-que-homenageiam-cuiaba.html>. Acesso em: 08/06/2018.

GLOSSÁRIO CUIABANO. Disponível em: <http://glossariocuiabano.blogspot.com/> Acesso em: 08/06/2018.

DOLZ, J., NOVERRAZ, N. e SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

KLEIMAN, Angela B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*, v. 32, n. 53, p. 1-25, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: Constituição e Práticas Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita**. Operações de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília. **Influência da fala na alfabetização**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1998.

Recebido em: 4 de maio de 2019

Aprovado em: 20 de junho de 2019